



NARRADOR-OBSERVADOR: A VOZ ESQUECIDA? UM LUGAR-COMUM ENTRE MENTE, CULTURA E LÍNGUA

Elizângela Fernandes Dos Santos¹

O impacto do social sobre os comportamentos e características humanas ratifica a natureza de que “[...] a mente não poderia existir se não fosse a cultura.” (BRUNER, 2001, p.16). Em outras palavras, para Jerome Bruner (1997a; 1997b; 2001) conceber a mente em um contexto que não seja cultural e não social, seria reduzi-la a uma forma de depositário de informações finitas, codificadas e não-ambíguas, tal como versa a *visão computacional*².

Entretanto, ancorado pela visão Culturalista, a qual toma o termo *cultura* como “desdobramento da característica humana de filiar-se, viver em grupo, em sociedade” Bruner (2001, p. 48) defende que a forma a qual a sociedade ou comunidade cultural encontra de compartilhar interpretação, organização, conservação e transmissão de uma “realidade”, é através do simbólico (Ibid.), ou seja, do modo como os membros de uma cultura manifestam suas experiências. Nesta visão, portanto, o teórico evidencia o poder da cultura na formação da mente dos indivíduos, bem como realça a expressão individual do sujeito, visto que, os significados que cada indivíduo produz/constroi/atribui em situações e contextos culturais específicos os manipulam. Acerca disso,

Produzir significado envolve situar encontros com o mundo em seus contextos culturais apropriados a fim de saber “do que eles tratam”. Embora os significados estejam “na mente”, eles têm suas origens e sua importância na cultura na qual são criados (p. 16)

Logo o entrelaçamento entre indivíduo e o mundo social produz significados e torna a mente humana, social, não apenas pela existência destes, mas também na medida em que os significados se constituem enquanto aparatos, para o intercâmbio cultural. É no contexto cultural e histórico que os seres humanos produzem significados, como também os negocia, legitima-os e comunica-os. Os contextos culturais estabelecem com a mente humana dois fenômenos, “[os contextos culturais] procedem de dentro para fora e também no sentido inverso” (CORREIA, 2003, p. 504).

Assim, fazer parte de um entre-meio com a língua e cultura, torna, eleva a mente de depositário de informações e a um “espaço” de interação entre diversas versões sobre o mundo, logo o contexto cultural é o “lugar” de se utilizar a mente de diversas maneiras, “lugar” em que as pessoas desempenham e compartilham diferentes papéis, cujas filiações são definidas pelo(s) modo(s) de (re) construir significados”. (BRUNER, 2001, p. 37).

¹ Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE.

² A Ciência Cognitiva, por apresentar-se um elemento multidisciplinar, pode buscar a integração do conhecimento sobre o estudo da mente, encontrando uma teoria unificada da cognição, juntamente com estudiosos de várias áreas do conhecimento. Para Teixeira (1998), o grande desafio da Ciência Cognitiva continua sendo efetuar progressos conceituais e empíricos que permitam saber do que se está falando quando a referência é a mente ou a consciência (TEIXEIRA, 1998).



Deste entrelaçamento e dependência entre mente e contextos culturais, a língua torna-se o espaço de funcionamento discursivo dos modos do social, histórico e cultural (mecanismos de produção de sentidos). Dito de outro modo, a língua não é mais um mera organização sintáticas e sua análise ganha outras amplitudes.

“Na análise não é a relação entre, por exemplo, sujeito e predicado (SN e SV) que é relevante, mas o que essa organização sintática pode nos fazer compreender dos mecanismos de produção de sentidos (linguístico-históricos) que aí estão funcionando em termos da ordem significante. Para nos instalarmos nesse campo da reflexão, dois deslocamentos se impõem: a) a passagem para a forma material, b) a necessidade de se considerar que a língua significa porque a história intervém, o que resulta em pensar que o sentido é uma relação determinada do sujeito com a história” (Orlandi, 2007, p.46).

Assim, a voz do narrador textual indica as diferentes possibilidades de o mesmo dizer ser dito de outra forma, ou seja, corresponde a um "esquecimento enunciativo ou semi-consciente", o qual, tradicionalmente, faz ter a ilusão de que narrativas em 3ª pessoa demarcam um distanciamento do evento narrado; mas ao contrário, a voz do narrador-observador resulta de uma escolha pelo modo o qual somos afetados por ideologias, ou seja, o narrador-observador é a ponte de passagem entre o consciente e o inconsciente, é o esvaziamento consciente da sua condição de sujeito para o seu próprio, inconscientemente, assujeitar-se. A respeito do esquecimento, Orlandi (2009, p. 36) pontua, "os sujeitos esquecem" que já foi dito- e este esquecimento voluntário- é necessário para se identificarem com o que dizem, constituírem-se como sujeitos.

Logo, interessa-se pelo(s) o(s) modo(s) como um sujeito, no caso, um estudante do 7º ano do ensino fundamental de uma escola de referência na região metropolitana do Recife, convida e inscreve as interpretações da leitura da pintura intitulada *Futebol em Brodósqui* (1935) - de Cândido Portinari - articula-se, constitui-se na/através da língua durante a produção de uma narrativa. Esta que aqui não se deseja classificá-la em qual tipo de forma de se narrar (fábula, mito, romance, crônicas, novelas e outras); isto porque todas elas são dotadas culturalmente de uma narratividade que as configuram como episódios entrelaçados por um tempo, um espaço e por uma cultura (BRUNER; 1997a); mas, investigar pelo entrecruzamento das reflexões pela Análise do discurso pecheutiana, especialmente, através de Orlandi (1993; 2007; 2009; 2012) com o(s) modo(s) como a cultura organiza e modela o conjunto de práticas de leitura e escrita do teórico Jerome Bruner (1997a; 1997b; 2001).

Faz-se importante destacar que na tentativa de refletir sobre as implicações do narrador-observador, como lugar-comum entre o mente, cultura e língua, as diferentes categorias linguísticas utilizadas e solicitadas durante a análise da narrativa tentam deslocar o olhar do dito para o não dito. Por conseguinte, tais categorias (adjetivos e tempos verbais) convidam a historicidade para questionar, demarcar e relacionar (com) os conceitos de língua, cultura e mente na produção de certos discursos.



Fig. 1 – Futebol em Brodosqui , 1Cândido Portinari (1935)



Ao longo do texto "Talentos inesperados" (anexo a), a história dos personagens Fábio e Paulo, ambos moradores de um vilarejo e bastante habilidosos no futebol - assim narrada- aproxima-se da realidade de pessoas que vivem em cidades rurais ou em condições de pobreza, ou seja, aproxima-se de situações reais as quais não necessariamente façam parte da realidade do produtor do texto. Em resposta dada à pergunta: estabeleça uma relação entre a imagem com sua realidade o sujeito diz: "*Não tem, pois hoje em dia é difícil ter um espaço assim [em relação à imagem] nas cidades e com tantas crianças juntas também é, pois não brinco muito na "rua" só em casa*". Ainda que não experiencie aquela realidade. O sujeito, através de certos adjetivos como *longa* e *próspera*, *felizes*, *ótima*, *adequado*, *superação* e *glória*, *traz suas impressões e avaliações sobre a carreira de futebol* e diz: "*carreira de futebol é algo acessível hoje em dia, basta ter talento [...]*". O texto também se estrutura através de um conjunto de tempos no pretérito, evidenciando a capacidade de o sujeito se colocar em outro lugar, mas que também de regular e intervir sobre a história dos outros sujeitos que leem o texto, e nesse aspecto, a noção de tempo é importante, visto que o que é demarcado é o tempo e não o discurso. O uso ora de pretérito perfeito "acharam"; "eram", ora do imperfeito, "morava" e "costumavam", evidencia que assim como no texto, nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas e que a escolha de um marcador em detrimento a outro, confere-lhes força e poder. E mais, "[...] um discurso aponta outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo" (ORLANDI, 2009, p.39).

REFERÊNCIAS

- BRUNER, Jerome. Atos de significação. Tradução de S. Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997a.
- BRUNER, Jerome. Realidade mental, mundos possíveis. Tradução de M. A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997b.



BRUNER, Jerome. A Cultura da Educação. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

CORREIA, M. F. B. A constituição social da mente: (re) descobrindo Jerome Bruner e construção de significados. Estudos de Psicologia, Natal, vol. 8, p. 505 – 513, 2003.

ORLANDI, Eni P. Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos. São Paulo: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni P. As formas do silêncio. São Paulo: Editora da Unicamp, 1993.

ORLANDI, Eni. P. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes Editora, 2007.

ORLANDI, Eni. P. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2009.

TEIXEIRA, J.F. (1998) Mentis e Máquinas: Uma introdução à Ciência Cognitiva. Porto Alegre: Artes Médicas.

Produção textual (anexo a)

Título: Talentos inesperados

Muito longe da cidade viviam seis gerações de famílias diferentes e lá elas se relacionavam muito bem, tinham uma vida calma, criavam gado e plantavam legumes para tentar se manter em local tão afastado. Lá existia um riacho onde todas as crianças tomavam banho felizes e depois jogavam um bom futebol.

Existia um homem na região que possuía um carro e ia até a capital para comprar sementes, eletrônicos e brinquedos para o vilarejo. Como costuma ir muito a cidade tinha muitos amigos lá e já era famoso na vizinhança, um certo dia, um olheiro de esportes que morava no local ouviu falar do rapaz e lhe perguntou se as pessoas de tal região costumavam jogar futebol e ele disse que sim e além do mais existia um menino chamado Fábio que jogava muito bem. Então o olheiro disse que queria conhecê-lo.

No dia seguinte o olheiro partiu com muita alegria pois era raro alguém chegar naquele local e a primeira coisa que ele fez foi assistir a uma pelada focando em Fábio que era o recomendado mais também achou outro talento que era o Paulo que por ser menor que os outros não podia demonstrar sua habilidade.

Procurou a família dos garotos e falou sobre suas intenções, os pais acharam que era uma ótima oportunidade para a vida dos filhos e aceitaram a proposta de irem viver na cidade para que Fábio e Paulo recebam um treinamento adequado e fossem mais reconhecido pelos clubes de futebol mirim.

Uma semana após a chegada do olheiro, vão embora Fábio, Paulo e seus parentes com direção a capital. Depois de um ano os garotos já bem desenvolvidos estavam ingrenados num time mirim de um clube muito conhecido na região.

Anos se passaram e a vida tanto no vilarejo como na capital iam boas e tranquilas. Quando Paulo completou dezoito anos e Fábio vinte eles que já eram de um time oficial brasileiro foram chamados para a Sub-20 da seleção brasileira de futebol e isso foi a melhor coisa que tinha lhe acontecido até aquela altura da sua vida.

Tiveram um treinamento puxado durante dois meses e foram parar em amistosos pela América do Sul, eles fizeram vários gols nos jogos e o treinador da seleção convocou eles para o time pelo ótimo desempenho. Foi uma grande festa.

Eles se prepararam para jogar na copa do mundo que ocorreria em dois anos em um país europeu. Neste período foram até sua terra natal e visitaram seus amigos que já eram adultos como eles e os adultos daquela época já estavam velhinhos, eles ficaram emocionados de rever suas raízes e foi a maior alegria de todos saber que eles estavam bem e iam com uma ótima carreira.

Três meses após tão esperada visita Fábio e Paulo embarcaram para Londres cidade que sediaria a copa do mundo. A seleção brasileira teve 17 gols ao total, seis foram de Fábio e cinco de Paulo além de tantos o desempenho deles no jogo foi surpreendente e com tal superação e glória voltaram para o Brasil Fábio e Paulo com um grande sorriso.

Depois de onze anos após a copa os garotos se aposentam do esporte e decidem viver na sua terra natal, e lá cultivaram uma longa e próspera vida com seus amigos de infância e suas esposas, tiveram uma família e renovaram as gerações do vilarejo e continuam o que seus antepassados começaram sempre com boas histórias para contar e experiências para repartir.